

FHC reage à queda de popularidade

Presidente explicará medidas contra a crise à população e ontem pediu o diálogo com a oposição

Christiane Samarco*
de Brasília

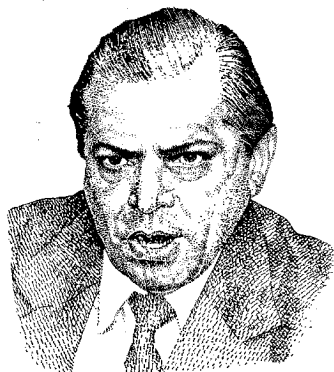
A queda de popularidade do presidente Fernando Henrique Cardoso não espantou os aliados do governo nem tampouco surpreendeu seus adversários. Quem levou susto com a velocidade da queda do desempenho presidencial nas pesquisas de opinião foi o Palácio do Planalto, que reagiu de pronto. O porta-voz da Presidência, embaixador Sérgio Amaral, anunciou ontem que o próprio presidente explicará à população as medidas tomadas contra a crise, mostrando a movimentação do governo e os resultados obtidos.

Parlamentares da base e das oposições já previam o julgamento severo da opinião pública revelado pela pesquisa do Instituto Vox Populi, em que 47% dos consultados consideraram o governo ruim e péssimo e apenas 18% o apontam como bom e ótimo. A diferença é que, enquanto os governistas argumentam que a reprovção é passageira, os adversários acham que o descontentamento deve aumentar.

O líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), é um dos que acreditam que a queda de prestígio do presidente é conjuntural. Foi provocada pelas mudanças na política cambial que desvalorizou o real e deixou a população insegura, temendo a volta da inflação. Mas ele aposta na recuperação da popularidade do governo nos próximos 60 a 90 dias. "O governo está fazendo o ajuste fiscal, negociou com o FMI e a ida de Armínio Fraga para o Banco Central já fez o dólar recuar", justificou. "Tudo isso vai passar."

Mas o Planalto não vai cruzar os braços diante da opinião pública. "Agora que temos sinais positivos e de êxito na tranquilização do mercado e na redução da flutuação do dólar, o governo pode dedicar mais tempo e voltar a mostrar o que está sendo feito", disse o embaixador Sérgio Amaral. Segundo o porta-voz, até agora o governo concentrou esforços exclusivamente no enfrentamento da crise. "Passado esse momento, o governo pode mostrar o que está fazendo para combater o aumento de preços e para reduzir o déficit, além de outros avanços."

Vice-presidente do PMDB nacional, o deputado Henrique Eduardo Alves (RN) admite que seu partido está preocupado com a queda do prestígio presidencial, mas é outro que mantém o otimismo. Ele atribui o problema a fatores conjunturais



Inocêncio Oliveira

internos e externos, como a crise financeira internacional, o desemprego e a alta dos juros. "Mas vamos reverter esta situação, porque o governo está agindo, a base de apoio fez sua parte e até as oposições cumpriram um papel nessa crise quando souberam dialogar e perder nas negociações que levaram à aprovação da CPMF", ponderou o deputado.

Já os representantes de partidos de oposição creditam a má performance governamental à política econômica. Petistas e pedetistas repetem que não estão jogando no

quanto pior melhor, embora estejam certos de que a situação vá piorar e arrastar, ainda mais para baixo, a popularidade do presidente da República. "Não torcemos contra. Nosso objetivo é convencer o povo de que o pior só virá se insistirem em manter essa política econômica e que há outros rumos para o País", diz o deputado Marcelo Déda (PT-SE).

O líder do PDT na Câmara, Miro Teixeira (RJ), concorda que o governo está perdendo base social e que lhe falta defesa, sobretudo na sociedade. "Lamentavelmente não se vê ninguém, em nenhuma roda de nenhum segmento social, defendendo o presidente", diz Miro.

O presidente aproveitou ontem uma reunião no Palácio da Alvorada com deputados do Nordeste, marcada para discutir a privatização da Companhia Hidrelétrica do Rio São Francisco (Chesf), para encenar uma aproximação com a oposição. Cardoso pediu ao deputado Marcelo Déda (PT-SE) a retomada do diálogo em torno de uma

agenda positiva para o País. "Se não há agenda, não se venha buscar culpados na oposição", disse Déda. "Vamos parar com essa queda-de-braço", respondeu Cardoso.

O presidente, então, citou o filósofo alemão Friedrich Engels para alertar sobre o perigo de os parlamentares ficarem alheios aos problemas nacionais. "Engels já advertia para os riscos do que chamava cretinismo parlamentar", citou. "O Parlamento não pode se esquecer do Brasil que está lá fora."

"Vou citar outro pensador de quem o senhor deve gostar: Cae-tano diz que cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é. O senhor sabe das delícias

de ter uma base tão consistente, de quase 400 deputados", afirmou Déda. "Sei também qual é a dor...", respondeu Fernando Henrique aproveitando, segundo Déda, para criticar a base aliada.

(* Colaboraram Patrícia Oliveira e Kátia Guimarães, do InvestNews, com agência O Globo)

"O governo está fazendo o ajuste, negociou com o FMI e o BC já fez o dólar recuar. Tudo isso vai passar", disse Inocêncio